

## O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DE UM OBJETO DE PESQUISA EM SOCIOLOGIA DO ESPORTE: O CASO DO XADREZ

**Juliano de Souza**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

**Wanderley Marchi Júnior**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

### Resumo

Neste artigo procuramos apresentar alguns subsídios teórico-metodológicos que foram por nós utilizados ao inventariar a modalidade de xadrez como objeto de investigação sociológica, mais precisamente, como objeto de pesquisa em sociologia do esporte. Na primeira parte do texto, pretendemos fazer alguns apontamentos sobre a constituição do xadrez como subcampo esportivo moderno. Na segunda parte, propomo-nos a demonstrar algumas frentes de apreciação que podem ser abertas para potencializar a leitura sociológica da modalidade a partir do resgate histórico-estrutural dos campeonatos mundiais de xadrez.

**Palavras-chave:** Sociologia. História. Xadrez. Campo Esportivo.

---

### Introdução

Não restam dúvidas de que a modalidade xadrez possui uma história milenar e que esse é um argumento já consolidado no âmbito da produção enxadrística. Entretanto, se os achados empíricos, por um lado, confirmam as raízes milenares do xadrez, por outro, também evidenciam certa discrepância quanto à sua origem, de modo que lutas têm sido travadas no sentido de que cada pesquisador tenta impor suas convicções e, por conseguinte, legitimar um lugar privilegiado para eles no interior do referido subcampo esportivo.

Algumas dessas tensões foram recuperadas e sintetizadas no trabalho de Mark (2007) intitulado *The beginnings of chess*. Nessa obra o autor sugere que o xadrez pode ter sido originariamente inventado ou, então, ser uma forma evoluída e derivada de outras práticas. Segundo Mark, essas possibilidades se ramificam em essencialmente quatro alternativas, formuladas por ele após um intenso trabalho de revisão de literatura. Desse modo, o autor concluiu que o xadrez poderia ter evo-

luído de um ou mais tipos de corrida, caça ou jogos de guerra; ter sido criado a partir do zero, como um jogo de guerra representando as forças do exército indiano; ter derivado de exercícios matemáticos; ou, então, ser um produto de técnicas de adivinhação ou rituais (MARK, 2007).

No entanto, podemos dizer que o embate mais caloroso que se materializa no sentido de legitimar a gênese da prática enxadrística é protagonizado, em específico, por dois grupos concorrentes e com abordagens genealógicas rivais. Nesse particular, enquanto alguns estudiosos mais ortodoxos defendem o jogo de xadrez como uma forma evoluída diretamente da chaturanga indiana, jogada por volta de 550 D.C., outros pesquisadores, do lado da heterodoxia, sustentam interpretações contrárias e questionam a referida vertente. Além disso, a primeira versão tem funcionado como uma doxa predominante no universo enxadrístico e que remonta fundamentalmente aos escritos de Hyde (1694), Jones (1790), Forbes (1860), Van der Linde (1874, 1881) culminando, finalmente, com a canônica obra *History of chess*, publicada por Harold James Ruthven Murray em 1913 (CAZAUX, 2001).

De acordo com Murray (1913), por volta de 570 D.C. praticava-se no interior dos círculos sociais indianos (leia-se sistema de castas) um xadrez similar ao modelo que seria padronizado na Idade Média. Esse xadrez indiano chamava-se chaturanga e seria o precursor do xadrez persa (chatrang) e árabe (shatranj) e anterior ao xadrez chinês (xiangqi), japonês (shogi) e a todas as outras tipologias. Contudo, as novas descobertas arqueológicas e os trabalhos mais recentes publicados sobre a temática acrescem outros achados à discussão e colocam em xeque as premissas de Murray (JOSTEN, 2001).

Dentre os críticos do trabalho desse autor, destacam-se aqueles pesquisadores pertencentes ao Initiativgruppe Königstein (IGK), formalizado e estabelecido em Colônia, na Alemanha, desde 1991. Esse grupo tem por interesse investigar a história primitiva do xadrez em termos científicos, sistematizando uma estrutura para além do senso comum e dos mitos vigentes sobre a origem social da prática. Vale notarmos que os pesquisadores do grupo de Königstein, embora apresentem convicções próprias e diferentes entre si para a origem do xadrez, são unânimes ao questionarem a versão indiana fornecida por Murray (1913). O grupo rejeita exatamente a ideia de um único inventor para

o jogo e procura pensar a constituição do xadrez relacionada aos demais jogos do gênero (AVERBAKH, 1999; CAZAUX, 2001).

É exatamente na esteira de compreensão de rupturas como essas, que procuramos, no decorrer do presente artigo, apresentar alguns subsídios teórico-metodológicos que foram por nós utilizados ao inventariar a modalidade de xadrez como objeto de investigação sociológica, mais precisamente, como objeto de pesquisa em sociologia do esporte. Na primeira parte do texto, pretendemos fazer alguns apontamentos sobre a constituição do xadrez como subcampo esportivo moderno. Na segunda parte, por sua vez, propomo-nos a demonstrar algumas frentes de apreciação que podem ser abertas para potencializar a leitura sociológica da modalidade a partir do resgate histórico-estrutural dos campeonatos mundiais de xadrez.

### **A constituição do xadrez como um subcampo esportivo moderno**

O xadrez na condição de uma prática social de múltiplos significados e incumbida das mais diversificadas funções remonta e constitui uma história milenar, a qual, no entanto, só pode ser examinada declaradamente em termos esportivos a partir do final do século XIX. Todavia, isso não significa que a história da prática enxadrística anterior ao referido século não possa contribuir para entendermos os contornos esportivizados ou, então, os próprios usos esportivos que os agentes e instituições começaram a remeter a essa prática de forma mais incisiva e notória a partir do início do século XX.

Para tal encaminhamento, entretanto, é necessário pensarmos, juntamente com Elias (1994), em processos sociais constituídos na perspectiva de longo prazo, sem obedecerem a uma linha reta e sem apresentarem um caráter planejado e linear, o que, conseqüentemente, não significa que foram postos em movimento sem o auxílio de um tipo específico de ordem.

Indiscutivelmente, a história milenar do xadrez pode ser retomada à luz de um longo processo civilizacional dos passatempos e costumes, o qual, por sua vez, reflete mudanças macroestruturais no quadro social vigente tanto nas civilizações onde a prática se originou quanto naquelas em que posteriormente foi difundida. Ao recorrermos, por exemplo, a algumas das principais vertentes teóricas que se propuseram a explicar a origem do xadrez, pudemos visualizar claramente o jogo, em boa parte das versões históricas fornecidas, sendo conforma-

do em função das características estruturais de cada uma das sociedades onde a prática se instaurava.

Nesse sentido, devemos lembrar que a *chaturanga* foi organizada com base na figura do exército indiano (composto por infantaria, carros, cavalaria, elefantes) e, embora a data para o ocorrido não possa ser fixada com precisão, provavelmente não pode ser anterior à organização do exército sobre o qual o jogo se baseia (MURRAY, 1913).

Outro indicativo interessante é estabelecido na medida em que percebemos que a identidade do xadrez ao chegar à Europa Medieval foi alterada com o propósito de adequar o jogo à estrutura da monarquia europeia (MARK, 2007). Notemos, ainda, que o movimento das peças também foi alvo de mudanças no final do século XV, quando, por exemplo, os bispos ganharam maior mobilidade (CALVO, 1998), juntamente com a nova rainha poderosa que emergiu como figura de destaque, influência e poder na sociedade europeia da época em questão (WESTERVELD, 1994).

Mais uma conclusão possível de inferirmos dessa história milenar da prática enxadrística é a importância que gradativamente vem sendo atribuída ao jogo e, de uma forma mais ampla, aos demais jogos e atividades de lazer nessas sociedades. Porém, esse não tem sido o enfoque principal dos estudos que se propõem a resgatar a história do xadrez como escopo de análise. Inclusive, cabe aqui frisarmos que esses estudos vêm sendo viabilizados especificamente por pesquisadores e enxadristas europeus, evidenciando a carência de investigações mediadas por pesquisadores e enxadristas de outros continentes.

A fim de organizar e subsidiar suas análises, os estudiosos do xadrez têm identificado dois períodos bem definidos – e talvez equivocados – para contextualizar a história dessa prática, a saber, o período antigo (da origem do jogo até aproximadamente o ano de 1600) e o moderno (de 1600 até os dias atuais). Esses dois momentos são subdivididos em outros estágios, estabelecendo-se, dessa forma, uma tendência de classificação mais detalhada e específica.

Contudo, é imperativo notarmos que tal proposta taxionômica não partiu de um sólido trabalho empírico direcionado teoricamente. Além disso, foi possível percebermos certa imprecisão teórico-metodológica na medida em que tais autores organizaram seus escritos desconsiderando a articulação entre a história do xadrez e a história social, ou seja, sem levar em conta o fato de o xadrez se tratar de uma prática

circunscrita ao longo de determinadas estruturas sociais e institucionais que comportam e orientam o desenvolvimento da sociedade.

Na tentativa de superar essa dicotomia é que surge então a necessidade de revisitarmos a história do xadrez à luz da teoria social contemporânea, especialmente com base nas abordagens preconizadas nos trabalhos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, os quais, além de terem dedicado um espaço significativo para análise do fenômeno esportivo em suas obras, resolveram muito bem a questão do equacionamento entre as visões micro e macrossociológica presentes na teoria social clássica, e, por conseguinte, na leitura dos mais diversos objetos sociológicos que receberam esse tratamento dicotômico, dentre os quais, o esporte e o lazer.

Nesse particular, a matriz sociológica eliasiana, além de constituir um arcabouço refinado para pensarmos a transição do período antigo ao moderno segundo as linhas de um longo processo civilizacional, fornece-nos uma perspectiva de leitura para a origem do esporte moderno e, obviamente, do xadrez moderno, que na transição do século XIX para o século XX, se nossa análise estiver correta, passou a manter estreitas ligações com o sistema esportivo emergente. Consideremos ainda o fato de que o esporte moderno, conforme nos sugere o historiador Ademir Gebara (1995, 2000), não se trata de um objeto plenamente acabado, mas em vias de constituição e, acrescente-se, reconstituição.

Já da sociologia de Bourdieu é possível recuperarmos uma perspectiva de análise para estudar a “história esportiva” do xadrez moderno, na medida em que formulamos algumas reflexões histórico-estruturais extremamente decisivas para o entendimento do fenômeno esportivo. Sendo assim e por conta dessa leitura é promissor indagarmo-nos: sob qual momento e circunstâncias poderíamos falar em uma prática enxadrística moderna mantendo estreitas relações com o sistema composto pelos demais esportes modernos? Quando foi que o sistema de agentes e instituições responsáveis pelo xadrez passou a fazer parte do campo esportivo e concorrer com os demais esportes? Como funciona esse subcampo fundamentado por uma história que lhe é peculiar no interior do campo esportivo?

Por sua vez, tais questionamentos de ordem histórico-estrutural são imprescindíveis para fundamentarmos uma sociologia reflexiva da história do xadrez no campo esportivo. Esta, na medida em que nos ajuda a desfazer algumas imagens estáticas e “essencializantes” sobre

a circulação social da referida prática, também corrobora para que seja revisto o pressuposto de algumas críticas imputadas ao quadro teórico-analítico de Bourdieu e que enfatizam que a noção estruturalista de campo faz as vezes de um locus social engessado, já teorizado suficientemente, restando apenas estendê-lo como ferramenta de leitura do esporte e da sociedade envolvente.

Inclusive, cabe aqui chamarmos a atenção, de um modo geral, para aqueles estudos desenvolvidos no âmbito da história ou da sociologia do esporte que simplesmente utilizam a noção bourdieusiana de campo com o fim de delimitar um território de investigação e um terreno de inteligibilidade, esquecendo que o campo esportivo deve ser problematizado na perspectiva de sua gênese, de suas lutas e de sua historicidade.

Sobre a modernização do xadrez, devemos reiterar que ela possui vínculos com a modernização esportiva, o que não significa que esse processo social estruturante da história do xadrez seja uma consequência imediata de sua inserção no campo esportivo. Pelo contrário, o processo de modernização do enxadrismo já pode ser distinguido em termos da estrutura interna do jogo (modificação das regras, desenvolvimento das teorias de jogo, estratégias e táticas posicionais) desde quando a prática começou a ser difundida pela Europa e muito antes de adquirir o lucro distintivo de esporte. Quanto à estrutura externa ao jogo (administração, gerenciamento), esta sim foi fortemente influenciada pela conjuntura esportiva moderna em vias de ascensão.

Com relação ao desenvolvimento de tessituras e aproximações entre o esporte moderno e a formação de um campo esportivo adjacente, cabe lembrarmos que Bourdieu (1983) estruturou sua análise partindo do universo empírico substanciado nos conhecimentos que possuía sobre a história do futebol e do rúgbi, sobretudo na sociedade inglesa, com algumas menções mais frequentes e de modo complementar à realidade francesa.

De acordo com o autor, o esporte moderno seria uma reinvenção de jogos populares no interior das public schools inglesas no final do século XIX. Ali, foi-lhe imposto um sentido elitizado, criando um lucro de distinção social na medida em que a valoração das práticas esportivas alocadas no sistema de ensino pressupunha a exaltação do esporte como uma atividade formadora de caráter e apta a inculcar nos filhos das classes dominantes o sentimento de superioridade moral.

Das escolas de elite às associações esportivas de massas, o esporte

passou por inúmeras transformações, tanto no âmbito de sua oferta quanto no de sua demanda. Essas mudanças, por conseguinte, foram contextualizadas e recuperadas por Bourdieu ao passo que ele percebe o campo esportivo moderno como um espaço sensível e orientado pela lógica mercantil vigente na sociedade capitalista. Por sua vez, o potencial de consumo e prática de esportes é correlacionado imediatamente pelo sociólogo às lutas entre classes ou frações de classes, de modo a se estruturar um campo de forças subsidiado por oposições entre amadorismo e profissionalismo, esporte-prática e esporte-espetáculo, esporte de elite e esporte de massa, esporte de lazer e esporte de competição, esportes de contato direto e esportes a distância, e os exemplos se multiplicam.

Interessante notarmos que ao dirigir seu olhar para o esporte moderno, Bourdieu já tinha avançado em muito no sentido de sistematização de uma teoria geral dos campos, o que, de antemão, sugere-nos que o princípio das homologias dos espaços de produção de bens materiais e simbólicos foi uma das ferramentas metodológicas mais importantes utilizadas por ele ao inventariar o esporte como uma categoria, ou melhor, um objeto cabível às reflexões sociológicas. Não obstante, Bourdieu é extremamente cuidadoso com as generalizações e, ao inferir a constituição de um campo esportivo por volta do final do século XIX, ressalva que tal processo não seguiu um modelo uniforme e restritivo, como se todos os esportes e os agentes a eles ligados tivessem galgado a mesma história, pelas mesmas linhas.

Eis aí um desdobramento teórico enfatizado rigorosa e repetidamente pelo sociólogo e que, inclusive, delineia-se como uma frente de abordagem ímpar para compreendermos as inter-relações viabilizadas entre xadrez moderno, esporte moderno e o campo esportivo que começava a se formar na passagem do século XIX para o XX. Tal empreendimento, no entanto, requer um exame minucioso nas literaturas enxadrísticas, as quais nos apresentam uma idiossincrasia pertinente ao subcampo e, por conseguinte, avaliativa das transformações operadas na história da modalidade.

A seguir, e em continuidade com essa agenda de pesquisa até aqui esboçada, procuramos apresentar mais elementos teórico-metodológicos de análise e, se possível, ainda sistematizá-los para compreender a inserção da modalidade de xadrez no campo esportivo, bem como a potencialidade explicativa que pode ser construída para entender a his-

tória esportiva da modalidade com base no resgate sociológico dos campeonatos mundiais de xadrez.

### **O resgate sociológico dos campeonatos mundiais de xadrez como método de análise**

Entender o espaço construído pelo xadrez junto ao universo dos esportes como um processo em andamento é uma das premissas básicas para que avancemos no conhecimento dessa prática e da própria sociedade sob a qual ela se instaura. Obviamente tal interpretação decorre, primeiramente, de nossa leitura amparada nas contribuições conceituais e metodológicas desenvolvidas na teoria do processo civilizador de Norbert Elias. Contudo, é importante frisarmos que o presente argumento também possui sustentação empírica corroborada pelas literaturas enxadrísticas.

Nos escritos de Garry Kasparov sobre a história moderna do xadrez, por exemplo, é evidente sua sensibilidade em perceber que as mudanças operadas no xadrez no sentido de uma suposta modernização estão associadas às transformações sociais dos últimos 150 anos. Tais impressões podem ser sintetizadas em suas próprias palavras: “Passando pela lista dos catorze campeões do mundo, novamente observamos um inseparável vínculo entre o xadrez e o ambiente social” (KASPAROV, 2004, p. 8). Ou, então, de forma mais contundente: “Espero que este trabalho possibilite ver a colossal evolução do xadrez durante os últimos cento e cinquenta anos, que é totalmente comparável com o progresso científico e tecnológico” (p. 12).

Ao percorrer um período de 114 anos de campeonatos mundiais de xadrez, Kasparov procurou demonstrar o progresso contínuo e o desenvolvimento da modalidade através do jogo dos seletos campeões mundiais oficiais. Estes, até o ano 2000, segundo seu entendimento, totalizavam quatorze, sendo o primeiro deles Wilhelm Steinitz (1886-1894), seguindo a lista com os enxadristas Emanuel Lasker (1894-1921), José Raúl Capablanca (1921-1927), Alexander Alekhine (1927-1935, 1936-1946), Max Euwe (1935-1937), Mikhail Botvinnik (1948-1957, 1958-1960, 1961-1963), Vasily Smyslov (1957-1958), Mikhail Tal (1960-1961), Tigran Petrosian (1963-1969), Boris Spassky (1969-1972), Robert James Fischer (1972-1975), Anatoly Karpov (1975-1985), Garry Kasparov (1985-2000) e finalmente Vladimir Kramnik (2000).



Logicamente, outros nomes no decorrer desse período também somaram ao universo enxadrístico internacional, tais como Chigorin, Tarrasch, Pillsbury, Schlechter, Rubinstein, Ninzovitsch, Réti, Keres, Bronstein, Geller, Larsen, Polugayevsky, Kortchnoi, dentre inúmeros outros. Isso sem falarmos daqueles enxadristas que foram extremamente cruciais para o desenvolvimento do xadrez em termos mais regionalizados, como é o caso de Reshevsky, nos Estados Unidos, Najdorf, na Argentina, ou então Mequinho, no Brasil.

No entanto, e já feita a ressalva de que a história do xadrez não foi construída apenas pelos grandes vencedores, devemos concordar que o primeiro rol de enxadristas mencionados, isto é, os campeões mundiais, teve mais chances de antecipar as “tendências do jogo” e conformar a estrutura enxadrística de acordo com suas disposições. E isso, de uma forma mais incisiva, na medida em que esses jogadores não foram apenas os campeões mundiais, mas indiscutivelmente os melhores de suas épocas e, por conseguinte, aqueles cujas disposições forneceram de modo mais objetivo e frequente as diretrizes para oferta da modalidade.

Tal argumento, por sua vez, pode ser mais bem situado e explorado quando temos a sensibilidade de perceber, em conformidade com Bourdieu, as relações dialéticas firmadas entre as estruturas objetivas (leia-se campo) e as disposições estruturadas e estruturantes (leia-se habitus), de modo a se potencializar um processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade (BOURDIEU, 2003).

No caso da história esportiva do xadrez, esses ajustes são potencialmente identificáveis, visto, por exemplo, que cada um dos campeões mundiais (estabelecidos em função das lutas e condições objetivas do campo em determinado momento histórico), após suas conquistas, pôde usufruir, de certa forma, de alguns privilégios notórios. Dentre esses privilégios estão as condições de impor as definições legítimas do que seria um xadrez bem jogado, qual seria a melhor forma de abrir o jogo, a melhor estratégia, os jogadores a serem respeitados, os torneios de prestígio a se frequentar, enfim, os melhores produtos enxadrísticos a serem consumidos.

Ressalvamos, contudo, que isso não significa encarar os agentes como calculadores racionais, mas apenas entender que “as condutas podem ser orientadas em relação a determinados fins sem ser conscientemente dirigidas a esses fins, por esses fins” (BOURDIEU, 1990, p. 22). Para tanto, é necessário conservarmos assim como Bourdieu a

ideia de objetividade das relações sociais, numa dinâmica que leva em conta a mediação entre estruturas subjetivas e objetivas, entre a abordagem fenomenológica e a estruturalista.

Ao estendermos essa perspectiva bourdieusiana para pensar a história moderna do xadrez, surge então a necessidade de avançarmos da proposta didática de Garry Kasparov, fundamentada na história dos campeões do mundo, para uma perspectiva que parte do estudo estrutural dos campeonatos mundiais de xadrez e demais torneios significativos e expressivos, os quais, a saber, se configuram como propriedade histórica e constituinte do subcampo esportivo em questão.

A mudança de enfoque não quer dizer que os agentes serão minados da análise, mas ao contrário, introduzidos como operadores práticos de construção de objetos de disputa. Além disso, os campeonatos mundiais de xadrez (o que já inclui a história dos seletos campeões e, especialmente, as lutas objetivas entre os agentes no campo) emergem, a nosso ver, como importantes indicadores sociológicos do estado de desenvolvimento e negociação da prática enxadrística, a qual, ao longo dos anos, vem sendo reconhecida e legitimada na condição de esporte pelos respectivos agentes no interior do campo esportivo.

Convém abriremos um parêntese aqui e ressaltarmos que a presente proposta também pode ser estendida para substanciar a leitura dos campeonatos mundiais das demais modalidades esportivas. A propósito, os eventos de competição esportiva, realizados e disputados no âmbito global, emergem como importantes indicadores sociológicos do estado de desenvolvimento e negociação daquelas práticas que, ao longo dos anos, vêm sendo reconhecidas e legitimadas no interior de nossa sociedade sob o rótulo de esportes.

É importante notarmos que por eventos esportivos protagonizados em escala global entendemos a conjuntura evidenciada pelos campeonatos mundiais das mais diferenciadas modalidades esportivas, tenham essas o lucro distintivo de “esportes olímpicos” ou não; sejam elas encabeçadas por confederações esportivas de destaque ou de menor expressão; apresentem essas práticas uma clientela representativa ou que viva no anonimato; tenham elas uma repercussão considerável nos meios de comunicação de massa ou atinjam apenas uma população restrita por intermédio de veículos de informação mais restritos ainda; enfim, sejam esportes destinados às elites ou então acessíveis aos grupos sociais na posse de um menor capital econômico.

Ao nos atentarmos para a conjuntura que se cria em torno desses campeonatos, assim como para as lutas entre classes e frações de classes manifestas em sua lógica interna de funcionamento, evitamos encará-los como um fim em si mesmo, ou seja, na condição de eventos que apresentam e denotam um caráter fragmentário e descontextualizado dos demais setores da vida social.

Além disso, por conta desse olhar conjuntural, podemos perceber com maior nitidez o entrelaçamento que se estabelece entre agentes e instituições no sentido de possibilitar a estruturação dos referidos campeonatos e viabilizar sua oferta como um ramo do show business na sociedade. Dessa forma, os campeonatos mundiais surgem como uma categoria passível de análise sociológica, pois o microcosmo que eles constituem além de absorver as características da estrutura social e, ao mesmo tempo, (re)traduzi-las, dissemina disposições a serem seguidas e orienta os estilos de vida dos agentes.

Os campeonatos mundiais dos mais distintos esportes se caracterizam, a nosso ver, como uma propriedade histórica do campo esportivo, embora não exclusivamente, pois tais eventos são re(apropriados) e ressignificados pelo trabalho de agentes dos demais campos sociais. Um exemplo pode ser vislumbrado quando notamos a inserção da mídia nos eventos esportivos, com o intuito de suprir um mercado de consumo de bens e serviços de entretenimento que ela própria contribuiu para que se instaurasse nas cadeias sociais.

Essa leitura, por sua vez, remete-nos à prerrogativa bourdieusiana de que um campo não se fecha inteiramente a outro ou, ainda, de que os campos possuem uma natureza relativamente autônoma, o que, conseqüentemente, implica em uma relativa dependência das forças externas e de campos paralelos. Quanto à possibilidade de se recuperarem os campeonatos mundiais como categoria de acesso à história das modalidades esportivas, faz-se pertinente lembrarmos que esses eventos abrem espaço singular para produção de um precioso material empírico a ser posteriormente utilizado pelos pesquisadores.

Nesse sentido, a gama de informações relacionadas a esses campeonatos e que circulam com uma frequência considerável na mídia impressa e televisionada surge como fonte avaliativa dos processos engendrados na trajetória histórica das mais diversas modalidades esportivas. Devemos frisar, ainda, que o contexto gerado em torno desses campeonatos incita a produção de uma literatura esportiva bastante rica em impressões pessoais e, a nosso ver, indicativas do estado da di-

fusão e arraigamento de determinadas práticas esportivas nos mais distintos e complexos círculos sociais.

Com relação à importância de os grandes eventos esportivos serem submetidos aos modelos de análise sociológica, temos a dizer que tal iniciativa é imprescindível para que possamos estudar com maior critério e afinco os contornos que o esporte assume quando é consumido ou, então, praticado pelos agentes no interior das escolas, clubes, academias esportivas, parques, praças, dentre outros lugares. Isso basicamente porque o esporte conforme apresentado nos grandes eventos esportivos, isto é, na forma profissional, performática e espetacular, tende a se impor como concepção dominante nas demais esferas e momentos da vida social. Dito de outro modo, para melhor entendermos as disposições esportivas no contexto dos consumidores é necessário levarmos em conta as disposições esportivas vigente no espaço dos produtores, já que, conforme garante Bourdieu (1983, p. 152), existe uma correspondência entre a oferta e a demanda esportiva, onde “o espaço dos produtores (isto é, o campo dos agentes e instituições que contribuem para a transformação da oferta) tende a reproduzir, em suas divisões o espaço dos consumidores”.

Em síntese e de acordo com os insights empírico-teóricos recuperados da análise que Bourdieu empreende sobre o mercado esportivo, podemos dizer que tais tensões sugeridas parecem ser suficientemente representativas e elucidativas para demonstrar que os campeonatos mundiais se tratam de eventos definidos, primeiramente, na especificidade de cada prática esportiva (surfe, golfe, ginástica, voleibol, automobilismo, xadrez etc.) e, em seguida, no espaço das posições sociais que se apresentam nas referidas práticas.

Dessa forma, ao recuperarmos os campeonatos mundiais de xadrez como categoria de análise sociológica que fundamenta nosso método de (re)construção da história esportiva da prática enxadrística, é de suma importância considerar que os limites dos usos sociais conferidos a essas competições potencialmente se explicam em função das propriedades intrínsecas à referida modalidade e, ao mesmo tempo, pelo sentido dominante que os agentes e instituições imprimem a ela.

### **Considerações para o fechamento**

No presente artigo, procuramos recuperar e sistematizar alguns elementos teórico-metodológicos que nos ajudam a pensar sociologi-

camente a incursão histórica da modalidade de xadrez no campo esportivo, bem como o processo de construção histórica do esporte moderno. Inicialmente foram demonstrados alguns contornos e fragmentos empírico-teóricos que fundamentam a constituição da modalidade de xadrez como um subcampo esportivo moderno, fato esse que, em última análise, recobra uma leitura sociológica da modalidade a partir do olhar relacional da teoria dos campos de Pierre Bourdieu, na qual conferimos um maior caráter de preocupação com o caráter de historicidade por conta da utilização da noção de processo desenvolvida na sociologia configuracional de Norbert Elias.

Em seguida, buscamos evidenciar a importância de se proceder ao resgate histórico-sociológico dos campeonatos mundiais de xadrez para que seja possível entender, dentre outras coisas, o processo de modernização e burocratização, bem como o movimento de mercantilização e espetacularização da prática enxadrística no interior do campo esportivo. Mais precisamente, o argumento central que procuramos defender diz respeito à necessidade de se substanciar nos materiais empíricos produzidos sobre os grandes eventos esportivos e, além disso, analisá-los à luz de referenciais teóricos compatíveis.

Como última observação, convém notar que essa estrutura de análise sociológica aqui recuperada para estudar a modalidade de xadrez e talvez outras práticas esportivas e culturais da sociedade moderna esteve pautada nas recomendações de Marchi Júnior (2006). Segundo o autor, um pesquisador ao incorporar determinada postura teórica para estudar o esporte deve ter claros em sua mente os objetivos e metas que pretende atingir, de modo que os materiais empíricos estejam em constância com o processo de articulação com os eixos teóricos e vice-versa.

Certamente esse é o caminho mais promissor e viável a fim de que se legitime um espaço de maior representatividade para o estudo do esporte no campo da sociologia, intenção essa que só poderá ser devidamente alcançada no momento em que as pesquisas apresentadas com o status de “estudos sociológicos do esporte” tiverem uma problematização mais profunda e um tratamento analítico mais refinado.

---

**The process of construction theoretical-methodological of an object of research in sociology of sport: the case of the chess**

**Abstract**

In this article, we present some theoretical and methodological subsidies that were used by us to inventory the type of chess as an object of sociological research, more

precisely, a subject of research in sociology of sport. In the first part of the text, we make some remarks on the constitution of chess as a subfield modern sport. In the second part, in turn, we aim to demonstrate some appreciation of fronts that can be opened to enhance the sociological mode from a historical and structural aspect of the chess world championships.

**Keywords:** Sociology. History. Chess. Sporting Field.

### **El proceso de construcción teórico-metodológico de un objeto de la investigación en sociología del deporte: el caso de ajedrez**

#### **Resumen**

En este artículo, presentamos algunos subsidios teóricos y metodológicos que fueron utilizados por nosotros para el inventario de la práctica de ajedrez como un objeto de la investigación sociológica, más precisamente, un tema de investigación en sociología del deporte. En la primera parte del texto, se propone hacer algunas observaciones sobre la constitución del ajedrez como un subcampo deportivo moderno subcampo. En la segunda parte, a su vez, nuestro objetivo es demostrar algunas frentes de la apreciación que se pueden abrir para colaborar con la lectura sociológica de la práctica deportiva a partir del rescate históricos y estructurales de los campeonatos mundiales de ajedrez.

**Palabras clave:** Sociología. Historia. Ajedrez. Campo Deportivo.

---

#### **Referências**

AVERBAKH, Y. **To the question of the origin of chess.** 1999. Disponível em: <<http://www.netcologne.de/~nc-jostenge/averba.htm>>. Acesso em: 29 nov. 2008.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, P. Fieldwork in Philosophy. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 15-48.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 39-72.

CALVO, R. Valencia Spain: the cradle of European chess. CCI Conference. **Review of the Conference,** Vienna, May 1998.

CAZAUX, J. L. Is chess a hybrid game? Initiativgruppe Königstein VI Symposium. **Review of the Conference,** Amsterdam, 2001.

ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do estado e civilização.** v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GEBARA, A. Esportes: cem anos de história. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 3., 1995, Curitiba **Coletânea...** Curitiba, 1995, v. 1. p. 126-133.

GEBARA, A. A cultura da modernidade e a história dos esportes. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.). **Fenômeno esportivo e o terceiro milênio.** Piracicaba: Editora Unimep, 2000. p. 99-109.

JOSTEN, G. **Chess: a living fossil.** Cologne: IGK, 2001.

KASPAROV, Garry. **Meus grandes predecessores 1: uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez.** Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba: Solis, 2004.

MARCHI JÚNIOR, W. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, A.; PILATTI, L. A. (Org.). **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes.** Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 159-195.

MARK, M. The beginning of chess. **Ancient Board Games in Perspective,** London, British Museum Press, p. 138-157, April 2007.

MURRAY, H. J. R. **A history of chess.** Oxford: Oxford University Press, 1913.

WESTERVELD, G. Historia de la nueva dama poderosa en el juego de ajedrez y damas. Homo Ludens, **Der Spielende Mensch XV,** Salzburg, p. 103-120, 1994.

Recebido em: 06/01/2011

Revisado em: 04/05/2011

Aprovado em: 17/08/2011

**Endereço para correspondência**

julianoedf@yahoo.com.br

Juliano de Souza

Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física.

Rua Coração de Maria, BR 116, Km 95, nº 92

Jardim Botânico

80215-370 - Curitiba, PR - Brasil